Breves sugestões para a antropofagia do autor

I

José Saramago, vestido com a pele do viajante, perambulou pelas terras de Portugal e, revestido com os trapos da coragem, peregrinou pelos territórios dos museus. De suas andanças pelo insólito desses territórios – alguns deles desertos e escaldantes e outros tantos movediços e pantanosos – deixou notícias em seu livro de viagem (SARAMAGO, 1994). Na "grande e ardente terra de Alentejo", o viajante português deteve-se, por algum tempo, no Museu de Évora. E foi ali, possivelmente, que ele compreendeu que o museu é uma instituição desleal.

> Exige que o visitemos, põe a correr que é nódoa cultural desdenhar dele, e quando lá dentro nos apanha, como discípulos que vão a um mestre, em vez de nos ensinar com moderação e critério, atira-nos com duzentas obras-primas, duas mil obras de mérito, outras tantas de aceitável valor médio. Não é tão rico assim o Mu-

> seu de Évora, mas tem de sobra para um dia, que é excessivo tempo para as posses do viajante. Então, que fará? (SARAMAGO, 1994).

A deslealdade da instituição museal apontada com clareza pelo escritor português tem alguma correspondência com as anotações do poeta francês Paul Valéry contidas no artigo denominado "Le probléme des musées"(VALÉRY, 1934). Nesse texto, Valéry anuncia a sua pouca afinidade com os museus e denuncia o excesso de coisas acumuladas, a confusão, a danada desorganização organizada nessas instituições que, ao fim e ao cabo, guardam visões da morte.

Tanto Valéry quanto Saramago desconfiam de que os museus não são bons mestres.

Pausa.

Afinal de contas, o que estamos fazendo? Estamos abrindo as primeiras páginas de um livro que trata exatamente do museu como um dispositivo de ensino de história. Não haverá, então, nessas primeiras linhas uma contradição ou, pelo menos, uma indiscreta ingenuidade?

Não. Estamos agindo de caso pensado. Não há aqui nenhuma ingenuidade e nenhum registro de contradição.

Francisco Régis Lopes Ramos, como um bom pesquisador e educador contemporâneo, também desconfia dos museus, assim como desconfia da memória, da história, da ciência, da arte e da educação, e por isso mesmo está pronto para o diálogo. É preciso confiar desconfiando. É preciso entrar no reino dialógico dos museus. Não há diálogo no reino da absoluta confiança, assim como não há diálogo no reino da desconfiança absoluta.

É preciso fiar. É preciso saber lidar com os fios de sentidos e significados de imagens e palavras para construir tecidos narrativos, para não ser devorado por idéias, palavras e imagens. E tudo isso Régis Lopes parece saber fazer muito bem. Ele sabe que os objetos – e os museus, por extensão – são danados e são devoradores.

II

A experiência de leitura deste livro pode ser singular, inspiradora, estimulante e pró-vocativa.

A primeira pró-vocação apresenta-se por intermédio do título. A palavra "danação" tem o sentido de fúria ou raiva, mas ainda pode ser compreendida como anátema ou condenação às penas eternas. E na região Nordeste, com o sotaque próprio do autor, ela pode significar balbúrdia, confusão, trapalhada.

Assim, "A danação do objeto" é ao mesmo tempo a raiva e a fúria desses entes pró-vocadores e devoradores, como também a sua (e a nossa) condenação. Como sair dessa danação? Como sair da balbúrdia e da confusão de sentidos pró-vocada pelos objetos em estado de museu? Esse é um dos enigmas que, a seu modo, Régis Lopes pró-cura decifrar, sem a pré-tensão de ser definitivo, e com o devido cuidado para não ser consumido.

A segunda pró-vocação oferta-se por intermédio do subtítulo. Reduzido à sua forma mais simples – museu-ensino-história –, ele assume uma dimensão especial e reveladora do pensamento do autor. O ensino é (ou pode ser) um elemento de mediação entre o museu e a história. Ele é (ou pode ser) campo de relações, de tensão, de diálogo e de criação e, portanto, não está pactuado com a morte. Tensionado entre o museu e a história, o ensino pró-voca os dois. E a pró-vocação aumenta quando se compreende que os objetos danados não são meros objetos e não são entes despidos de vida social; ao contrário, na maioria dos casos, são sujeitos que condicionam as nossas vidas.

Desejo de comunicação. Esse parece ser um acento característico da escrita de Régis Lopes. Comunicar e comover – sem abandonar o rigor e sem enveredar pelo ocultismo científico – constitui, em termos formais, um dos aspectos marcantes da sua escrita. Além disso, em termos de conteúdo, ele investe corajosamente nas discussões contemporâneas de interesse para o campo museal. Mesmo se atendo ao problema

delineado pelos termos: museu-ensino-história, ele acentua a compreensão de que o campo museal, interdisciplinar por excelência, está em diálogo com a educação, a antropologia, a sociologia, a história, a museologia e outras áreas de conhecimento, entre as quais se incluem as chamadas ciências físicas e naturais.

Com argumentação clara, o autor aceita o convite e dialoga com Paulo Freire. Em seguida investe na "história nos objetos", encaminha propostas pedagógicas sobre o "objeto gerador", discute o "lugar do museu" na contemporaneidade, questiona as categorias "sujeito" e "objeto", detém-se na análise do "jogo das vitrines", retoma e enfrenta a discussão das relações entre "história" e "memória", abrindo uma janela lúcida para o que chama de "a terceira margem", insere o debate sobre os "objetos biográficos", e da "ex-posição" (objeto locado, deslocado e colocado), e, finalmente, peregrina pelo território da "poética" das coisas.

As propostas pedagógicas de Régis Lopes assentadas na noção de "objeto gerador" não são, propriamente, uma novidade para o campo museal. Nos anos oitenta e início dos anos noventa, o tema estava colocado em palestras e textos, nem sempre bem divulgados, de Iara Madeira, Stella Fonseca, Waldisa Russio e Maria Luíza Quirini, por exemplo. Ainda assim, importa reconhecer que as referidas propostas estão bem sistematizadas, bem fundamentadas e trazem a marca de um educador comprometido com o seu tempo.

As reflexões e as sugestões do autor nordestinado são, em meu entendimento, muito bem-vindas ao universo museal. Indiretamente e independente dos seus desejos, elas colaboram para a desmontagem da idéia de que a "educação patrimonial" constitui uma novidade importada da Europa, mais especificamente da Inglaterra, durante o último quartel do século XX.

Trabalhar no Brasil – e em outras partes do mundo – com o patrimônio cultural musealizado em termos educacionais não é uma novidade dos anos oitenta. Para corroborar essa afirmação, basta a lembrança da realização, em 1958, no Rio de Janeiro, do Seminário Regional da Unesco Sobre o Papel Educativo dos Museus.

De qualquer modo, vale sublinhar que existe mais novidade e originalidade nas propostas de Régis Lopes do que em algumas vagas idéias de uma metodologia específica para a "educação patrimonial". Ou bem a denominada "educação patrimonial" é uma expressão contemporânea para designar as novas, as antigas e as diferentes práticas de educação que se desenvolvem no campo patrimonial, ou ela é um projeto específico e importado da Inglaterra. Se na primeira hipótese o livro de Régis Lopes pode ser incluído, na segunda ele não tem lugar.

O português Saramago, o francês Valéry e o brasileiro Régis Lopes, por motivos e interesses variados, levaram os museus a sério. Todos eles, cada um a seu modo, pensaram e enfrentaram os problemas que os museus propõem. Em relação aos outros dois intelectuais, Régis Lopes tem vantagens e desvantagens. Como diretor de um museu de história, ele fala de dentro, o que lhe dá uma perspectiva singular e orgânica e também lhe garante alguma segurança. O lugar de onde ele fala, todavia, não é uma fortaleza inteiramente segura. Falando de dentro, ele corre o risco de falar como um nativo falaria de sua ilha natal, para quem tudo no mundo é ilha, para quem a idéia de continente é uma abstração. Entretanto, ao meu ver, "A danação do objeto" constitui um exercício de estranhamento da ilha.

Agrada-me pensar que Régis Lopes pensou que a ilha pode não ser uma ilha e que nenhum museu é uma ilha. Agrada-me pensar que Régis Lopes comportou-se como um antropófago danado: ele devorou o museu, o ensino e a história. Agora é a nossa vez de comemorar e ritualizar a antropofagia do autor. Boa leitura.

Mário Chaga

Museólogo – Uniri

P. S.: Dois avisos pessoais aos leitores:
- É preciso não ter medo de objetos e imagens e ter algum interesse no museu, n ensino e na história, para ler e se deliciar com a leitura de "A danação do objeto".
- A escrita fluente, criativa e poética do autor exige, em alguns momentos, deliberad exercício de afastamento. Só assim será possível observar as sensações, pensamento emoções e intuições que o texto pode despertar.